

Devido à pandemia de Covid-19, houve um grande fluxo de produção de pensamento em torno dos aspectos catastróficos e distópicos da sociedade capitalista. O evento global enfatizou as contradições e os impasses do sistema econômico em curso e outras crises crônicas relacionadas à vida, ao meio ambiente e às relações. Tanto o romance de Polesso quanto as novelas de Galera estão ambientadas em contexto distópico e de colapso, com luta pela sobrevivência em um cotidiano afetado por catástrofes ambientais e ecocídio como consequência da exploração de recursos naturais, além de crise econômica, política, social e individual.

Amitav Ghosh elenca, em *O grande desatino*, publicado pela editora Quina em 2022, várias questões relacionadas ao Antropoceno e à Literatura, afirmando que seria necessário que a ficção literária tradicional se apropriasse do evento do colapso planetário como o que há de mais real na contemporaneidade.

É fato que com a pandemia, a ascensão da extrema-direita e o avanço do fascismo à brasileira surgiram diversas narrativas contemporâneas com características distópicas com vistas a retratar a nossa época.

A questão ambiental é fundamental para que compreendamos o nosso estar no mundo, nossa cultura e o sujeito contemporâneo em sua relação com o planeta. A literatura contemporânea cada vez mais está se voltando para a representação da crise, seja por meio de novos modos de dizer, seja extrapolando o que se conhece como realidade.

Desse modo, esta análise é baseada na Ecocrítica, que se desenvolve como uma corrente crítica que busca dar conta das representações culturais da relação do ser humano com a natureza. Nesta perspectiva, a incorporação do estudo da Ecocrítica nos Estudos Literários se justifica pela tentativa de produzir outras propostas metodológicas para a formação de posições críticas que deem conta da problemática ambiental.

A Ecocrítica constitui-se modalidade analítica abertamente política, em que as análises culturais são vinculadas a um projeto filosófico e político ambientalista. A Ecocrítica tem sido relevante nos desdobramentos dos estudos literários contemporâneos. Nesta perspectiva, essa modalidade analítica abertamente política, conforme definição de Greg Garrard (2006),

¹ Mestranda em Literatura na Universidade de Brasília (UnB). E-mail: pri.dido@gmail.com.

produz propostas metodológicas para a formação de posições críticas que dão conta da problemática ambiental. Pensar a natureza, na contemporaneidade, resulta em implicações profundas, especialmente quando o destino do planeta e de todos os seres vivos está em crise.

Um dos desafios humanos mais urgentes do século XXI é a catástrofe climática em curso. De acordo com relatórios alarmantes elaborados pela ONU (Organização das Nações Unidas), o planeta está mais quente e a crise é causada pela liberação de gases de efeito estufa decorrente da atividade humana. Se vivemos um tempo de crises e desastres ambientais, quais histórias estão sendo contadas na contemporaneidade? Dentre essas histórias, o Antropoceno está sendo representado?

As narrativas distópicas *A extinção das abelhas*, de Natalia Borges Polesso, e *O deus das avenças*, de Daniel Galera, estão situadas no Antropoceno, que é a era na qual as ações do homem afetam o planeta e são responsáveis pelo colapso. O Antropoceno é ainda um conceito em formação. Nele nos encontramos em uma nova era geológica em que o impacto da ação humana altera a vida no planeta. É preciso destacar que há divergências teóricas a respeito do início do Antropoceno e da própria nomenclatura, mas em matéria assinada por Lucas Lacerda na Folha de S. Paulo de 11 de julho de 2023, cientistas sugerem que o ponto que marca o início do Antropoceno deva ser o lago Crawford, no Canadá, no ano-chave de 1952, tendo em vista que análises no solo do lago registraram traços de testes nucleares e atividade industrial.

É preciso destacar que ele pode ser chamado também de Capitaloceno, Cthulhuceno, Plantationoceno etc. Conforme Donna Haraway:

O limite que é o Antropoceno/Capitaloceno significa muitas coisas, incluindo o fato de que a imensa destruição irreversível está realmente ocorrendo, não só para os 11 bilhões ou mais de pessoas que vão estar na terra perto do final do século 21, mas também para uma miríade de outros seres. (O número incompreensível, mas sóbrio, de cerca de 11 bilhões somente será mantido se as taxas de natalidade de bebês humanos, em todo o mundo atual, permanecerem baixas; se elas subirem novamente, todas as apostas caem por terra). “À beira da extinção” não é apenas uma metáfora; e “colapso de sistema” não é um filme de suspense. Pergunte a qualquer refugiado, de qualquer espécie (HARAWAY, 2016, p. 141).

Bruno Latour (2020) fala da inevitabilidade da mudança de regime, pois o capitalismo não é mais sustentável, mas como investiram bilhões de dólares em desinformação, pessoas comuns desconfiam de um fato já sólido, que é a mudança climática.

O que fazer quando o Realismo não dá conta de representar a realidade, que por si só já se configura como distópica? A especulação se torna uma forma de pensar não somente a

irreversibilidade da crise ambiental como também da crise social e individual a que estamos submersos.

Ailton Krenak, em *Ideias para adiar o fim do mundo*, afirma que “[...] fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós somos outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza” (KRENAK, 2019, p. 9). Essa ideia de separação entre a humanidade e a natureza contribuiu para a era de degradação, o Antropoceno, que vem ao encontro do pós-humanismo crítico, que, de acordo com Rosi Braidotti (2018), exerce a crítica e a destruição do ideal do “Homem” como suposta medida de todas as coisas. Em *The Posthuman*, Braidotti (2013) faz referência à virada pós-antropocêntrica, que visa refutar a noção tradicional de “*anthropos*”, na tentativa de imprimir uma mudança de padrões compreendidos como permanentes.

Diante de tantos alertas, nossa relação com o mundo está em mutação. E com tanta instabilidade, a consciência de desastres ecológicos é representada na literatura brasileira contemporânea como crise e colapso.

Em *A extinção das abelhas* somos apresentados a um retrato do futuro recente com uma aura de realidade, mas dentro do universo imaginário do romance, o Antropoceno já causou um ecocídio irreversível, a decadência e a miséria apresentam um contexto social envolto em um futuro amedrontador.

O caos ecológico no romance de Polezzo é representado por meio da iminência da extinção das abelhas e o anúncio do colapsômetro (uma espécie de termômetro gigante que marcava a temperatura de vários índices em vários lugares do mundo) como ironicamente uma “medida de proteção e segurança planetária” para que todos respeitassem os limites e não sofressem sanções, mas os relatórios e as pesquisas haviam sido banidos do debate, mesmo com a catástrofe em potencial evidente.

Eu tinha combinado de ir ao cinema com a Paula, uma coisa banal, um pequeno alento. Mas a primeira coisa que ela disse quando me viu foi que, se as abelhas entrassem mesmo em extinção, o mundo ia acabar. As abelhas eram um dos principais índices que o colapsômetro contabilizava. Não contabilizaram temperaturas nem o derretimento das geleiras, apesar de terem apresentado um “termômetro”. Eu disse a ela que o mundo não acabaria. Não era uma afirmação otimista. Ela disse que eu tinha razão. O mundo, a terra, o universo, tudo isso levaria uma eternidade para se extinguir. E talvez a causa de sua extinção fosse um buraco negro, um asteroide em rota de colisão, um campo magnético intruso, mas a gente, a raça humana, essa, sim, terminaria. Eu soprei a fumaça e disse: que bom. — Tem que acabar a humanidade, estamos empesteados. Olha a merda que a gente fez. Reseta (POLESSO, 2021, p. 26-27).

No trecho acima, a protagonista, pessimista, concorda com a extinção não do mundo, mas da raça humana, responsável pelas catástrofes devido ao Antropoceno. Cientificamente já se sabe que a sobrevivência das abelhas e consequentemente a nossa própria sobrevivência depende da ação humana. O processo de desmatamento de áreas naturais e as queimadas resultam em menos flores. E, sem flores, as abelhas ficam sem o que comer. Além disso, as monoculturas e o uso desenfreado de agrotóxicos afetam diretamente as abelhas.

Regina, a protagonista, tem 40 anos, é hipertensa, diabética, lésbica, vive em um Brasil distópico e em ruínas em uma cidade inespecífica no sul do país, desempregada ou trabalhando em subempregos, vivenciando a escassez de alimentos, que vão ficando cada vez mais caros, e de medicamentos (é cada vez mais difícil para ela conseguir a insulina da qual depende para viver).

Regina não sofre apenas pelo colapso ambiental iminente, mas também pelas relações afetivas, o colapso da família após a perda do pai, da maternidade (ela foi abandonada pela mãe, que fugiu com um circo quando ela era criança), das relações afetivas, entre outros colapsos. Em determinado momento, torna-se *camgirl*, atividade voltada a se despir para desconhecidos em frente à câmera, como forma de sobrevivência. Ela assim o faz utilizando uma máscara de gorila. Há esse paralelo com a história de sua mãe, Guadalupe, que fugiu com o circo e atuou como a Monga, a mulher-gorila enjaulada. Viver em um estado de ruína ambiental é também testemunhar tal ruína se acumulando através das políticas que a produzem, e que nos levam a uma degradação de relações humanas.

Por meio da personagem Dona Norma, temos um vislumbre do modo como os mais vulneráveis se tornam reféns de uma lógica instrumental, a partir da qual suas vidas poderiam ser desperdiçadas em favor de uma pretensa prosperidade econômica dos mais privilegiados. Mesmo que o fim do mundo aconteça, ele chega primeiro para os mais pobres.

No fim da narrativa, Regina é abandonada à própria sorte e precisa migrar de onde vive porque sanções governamentais impõem o fechamento da zona em que ela vive. Assim, com um grupo de amigas lésbicas e uma mulher trans, após uma crise traumática, Regina vai em direção à fronteira argentina sem qualquer perspectiva e por um cenário devastado, em busca de uma comunidade de refugiados climáticos.

O filósofo húngaro Istvan Mészáros, em *A montanha que devemos conquistar* (Boitempo, 2015) relaciona a questão ambiental à crise do capital e afirma que ela é fruto do processo de acumulação capitalista crescente que depende da exploração inesgotável dos recursos humanos e naturais, tornando-os mercadorias.

O deus das avencas, de Daniel Galera, é uma coletânea de três novelas independentes entre si, sendo que a primeira é a homônima, a segunda é *Tóquio* e a última é *Bugônia*. No artigo *Quando o familiar se tornou um alienígena? Sobre antropoceno e ficção*, no Suplemento Pernambuco de junho de 2023, o pesquisador André Araújo afirma que a novela *Bugônia* é a mais radical em sua relação com a ficção científica quando a comparamos ao romance de Polesso.

Na primeira novela, *O deus das avencas*, narrada em terceira pessoa, o casal Manuela e Lucas está para conhecer o primeiro filho e decidem viver a experiência sem distrações da internet em meio à eleição do governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro em 2018. Tanto a ideia de futuro quanto o medo estão presentes nesta e nas demais novelas. *O deus das avencas* apresenta apenas um prenúncio da crise.

Já *Tóquio* é uma novela futurística em que há ecocídio, superbactérias, ambientes controlados e uma temperatura tão alta que os habitantes de São Paulo se locomovem por túneis subterrâneos. O enredo se passa em meados do século atual com o planeta em processo de colapso climático, assolado por doenças novas e tecnologias traiçoeiras. Por meio da narração em primeira pessoa, acompanhamos o protagonista, que vive em um apartamento transformado em fazenda urbana, conforme diretrizes municipais que obrigavam os imóveis situados em regiões centrais a produzirem alimentos e insumos básicos por conta das mudanças climáticas. O personagem relembra momentos de seu relacionamento com Cristal, uma ex-namorada, e com a mãe, uma capitalista de risco bilionária transformada em “cópia humana”, em um universo em que quem tem dinheiro pode ter seu androide de estimação (ou apenas um banco de dados neurais depositados em corpos sintéticos).

Aquela *Tóquio* seria desfigurada nas décadas seguintes pelo aquecimento do clima, pelas pandemias e pelas crises de abastecimento, se tornaria, como São Paulo e a maioria das megacidades, uma mistura de habitações improvisadas e fazendas urbanas e mercados de pulgas interligados por túneis desinfetados e refrigerados, cercada por vastidões de território inóspito e parcialmente demolido onde a luta pela sobrevivência ganhava feições que nós, os privilegiados que viviam no entorno das torres, tínhamos dificuldade para imaginar (GALERA, 2021, p. 112).

No trecho acima, o protagonista reflete sobre a viagem feita com a ex-namorada antes do mundo entrar em colapso, destacando as crises e pandemias instaladas, além dos efeitos do aquecimento global nas megacidades. A questão social é destaque, pois a sobrevivência dependia de um determinado privilégio proporcionado pelo capitalismo, de modo que, enquanto alguns viviam em fazendas urbanas e circulavam por túneis desinfetados e refrigerados, os outros (em vulnerabilidade social) viviam em ambientes inóspitos e

contaminados, em luta diária pela sobrevivência. O narrador evidencia que mesmo no fim do mundo, nas catástrofes, quem está em vulnerabilidade no capitalismo sofre ainda mais, de maneira inimaginável.

Assim como no romance de Polesso, a crise na relação mãe x filho se sobressai e atua como contraponto. Em Tóquio, a mãe o protagonista pertence à elite financeira e tecnológica, vive em spas exclusivos, enquanto ele já sente os efeitos do efeito estufa, vive de máscara e tenta se afastar do que a mãe representa. Galera escreve um futuro de pós-humanos e que substituem a vida biológica por meio da digitalização cerebral. O autor tanto traz para a narrativa discussões acerca do colapso tecnológico e do avanço da inteligência artificial, como também destaca questões acerca da própria humanidade, da relação do homem com si mesmo e com o outro e da crise da consciência. Nesse futuro assustador, mas bem próximo da nossa realidade, o uso de máscaras de proteção e procedimentos de desinfecção são necessários para garantir a sobrevivência dos seres.

Em *Bugônia*, última novela da coletânea, adentramos um futuro pós-apocalíptico no qual uma comunidade denominada Organismo existe com relações de parentesco (conforme Donna Haraway, para quem fazer parentes é fazer gerações, cultivar solidariedades e modos de trazer mundos humanos e não humanos, que incluem jovens, para o futuro) e de simbiose entre o homem e a natureza, nesse sentido, necessária para a sobrevivência do homem.

Por meio da protagonista Chama, uma criança que segue os ensinamentos da Velha (a abelha-rainha da comunidade), adentramos essa comunidade que vive em um mundo já colapsado, mas em simbiose com as abelhas, quando um homem cai do céu em uma nave.

Diferentemente de *A extinção das abelhas*, em *Bugônia* as abelhas são espécies de abutres que produzem mel a partir de corpos, o necromel, que quando consumidos por seres humanos não só os alimentam como garantem a vida eterna.

Em meio a contextos políticos, tecnológicos e climáticos devastadores, os personagens das novelas de Galera buscam criar relações íntimas e comunitárias com o intuito de sobreviver à extinção em massa.

Para concluir, é preciso destacar que o universo distópico nas narrativas é criado por meio de alguns aspectos, como crítica da realidade / crítica social; ideia de Futuro — mesmo que seja em curto prazo; tecnologia; autoritarismo; perda da individualidade; controle social; estabilidade / imobilidade social; catástrofes ambientais (ecocídio); pandemias; lutas pela sobrevivência; a evolução tecnológica não leva o ser para uma evolução social, política, ética etc.; não há lugar para o amor nem para a família.

Ambas as obras oferecem uma ambientação distópica e de crise, com luta pela sobrevivência em um cotidiano afetado por catástrofes ambientais e ecocídio como consequência do capitalismo, da exploração de recursos naturais, além de crise econômica, social e individual. Tanto em *A extinção das abelhas* quanto em *O deus das avencas*, torna-se evidente que o capitalismo não traz nenhuma liberdade, mas apenas ruínas, conforme afirma Isabelle Stengers (2015, p. 25) em *O tempo das catástrofes*: “Só quem ainda ‘acredita no mercado’ consegue continuar aderindo à fábula da liberdade concedida a cada um de nós para escolher sua vida”. Nesse sentido, as ameaças de futuro catastrófico nas distopias analisadas estão ligadas ao capitalismo. E o que antes era sinônimo de progresso, no contexto das obras é sinônimo de um colapso iminente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, André. Quando o familiar se tornou um alienígena? Sobre antropoceno e ficção. *Suplemento Pernambuco*. Edição Nº 206, abril/2023.

BRAIDOTTI, Rosi. A theoretical framework for the critical posthumanities. *Theory, Culture & Society*, 36(6), 31–61, 2018.

_____. *The posthuman*. Cambridge: Polity Press, 2013.

GALERA, Daniel. *O deus das avencas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

GHOSH, Amitav. *O grande desatino*. São Paulo: Quina Editorial, 2022.

HARAWAY, Donna. *Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno*: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. *ClimaCom – Vulnerabilidade* [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em 07 jan. 2023.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LACERDA, Lucas. Cientistas sugerem lago no Canadá como marca do começo do Antropoceno, a época dos humanos. *Folha de S. Paulo* [online], São Paulo, 11 jul. 2023. Planeta em transe. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2023/07/cientistas-sugerem-lago-no-canada-como-marca-do-comeco-do-antropoceno-a-epoca-dos-humanos.shtml>. Acesso em: 11 jul. 2023.

LATOUR, Bruno. *Onde aterrar?* - como se orientar politicamente no Antropoceno. Trad. Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MÉSZÁROS, Istvan. *A montanha que devemos conquistar*. São Paulo: Boitempo, 2015.

POLESSO, Natalia Borges. *A extinção das abelhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes* - resistir à barbárie que se aproxima. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.